

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

**TEU DEUS/MEU DEMÔNIO: A VISÃO DE EXU NO IMAGINÁRIO EUROPEU
E AS AGREGAÇÕES INTOLERANTES NAS IGREJAS NEOPETECOSTAIS
DA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA**

CARRIJO, Elisaura¹

Resumo:

Exu, figura primordial das cosmologias das religiões africanas, aparece no contexto da idade média relatado pelos cristãos europeus em suas expedições para catequizar a África, constitui-se no imaginário cristão como o Diabo bíblico. Com características antagônicas nas religiões cristãs e nas religiões africanas e afro-brasileiras. De guardião dos templos ao príncipe das trevas transita entre os extremos bem e mal. Ora causador de mazelas, ora um deus, um orixá. O artigo traz um recorte nos séculos XIX e XX a partir da análise das impressões deixadas nos relatos dos missionários e visitantes europeus a África Ocidental, verifica-se como ocorreram as associações e as razões que levaram os europeus cristãos as assimilações e a construção de Exu/Diabo. A evolução do cristianismo na Europa despontou o surgimento de ramificações, oriundos do protestantismo os Pentecostais encontram-se presentes no Brasil desde o início do século XIX, surgindo uma de suas subdivisões o Neopentecostalismo a partir da década de 70. Um dos seus maiores pilares é a guerra santa com a luta contra o diabo e seus anjos. No Brasil a visão europeia permaneceu aos séculos e essas impressões se fazem consequências na contemporaneidade identificadas nos cultos e no proselitismo neopentecostal os quais em suas práticas e doutrinas consideram Exu como o diabo, e impulsionam uma verdadeira guerra em seu desfavor.

Palavras-chave: Exu; Religiões Africanas; Imaginário Europeu; Neopentecostalismo; Diabo.

1. Exu/diabo a configuração de um estereótipo cristão

Na conjuntura dos séculos XV a XVIII a Europa unida à igreja católica despontou inúmeras expedições em busca de novas colonizações, sendo estas agregadas à catequização dos povos para manutenção da hegemonia religiosa e do poder da Santa Sé, que se encontrava abalada no período pós reforma protestante. As expedições pelo atlântico encontraram diversidades de terras e culturas nativas, tais como se via na

¹Mestranda em História pela Universidade Estadual de Goiás – Campus Morrinhos
Bolsista Capes
E-mail: lisa_dra@hotmail.com

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

África e nas Américas, com destaque para o Brasil. Os prejulgamentos e a visão desvalida da África e seus povos advinham de caminhada histórica adversa, galgada em posicionamentos do cristianismo e interpretações bíblicas conduzidas por fundamentos favoráveis à manutenção das relações intrínsecas entre a monarquia e a igreja católica, bem como a manutenção e legitimação da escravatura que em tais séculos se tornou interesse econômico e religioso de ambos. Os cristãos relacionavam os africanos aos descendentes de Cam, filho de Nóe que no texto contido em Gênesis 9:18 a 27 teria o amaldiçoado a servir seus irmãos pelo fato de ter o visto nu e bêbado. A justificativa fundada nesta interpretação bíblica, bem como em outras interpretações medievais de que a África estaria debaixo do julgo do pecado, livrava a igreja católica da culpa pela escravidão dos povos africanos uma vez que a maldição se constatava na marca da cor da pele e no sentido de servidão deste povo, malditos por vontade divina (OLIVEIRA, 2017).

Portanto, desde os primórdios os povos e o continente africano foram rotulados e memorizados pela cor da pele de seus habitantes e inferiorizados como povos sem desenvolvimento, grotescos, comparados a animais. Com a travessia do atlântico os povos africanos ao serem traficados para o Brasil colônia vivenciaram a ruptura de suas tradições e a limitação de suas crenças ao serem obrigados a conhecer o Deus cristão, impelidos pelos catequizadores aos costumes, símbolos e rituais da igreja católica. E a consequente restrição de seus costumes e rituais, os quais durante todo esse período foi demonizado e reprimido pela igreja católica, apesar de não plenamente pelos brancos, posto que muitos se tornassem adeptos às adivinhações e aos calundus, dentre outros. Apesar disto, a igreja católica com resquícios das atrocidades dos tribunais da inquisição e da caça as bruxas, e blindada pela instituição do Padroado, primaram pela não aceitação dos rituais africanos, os quais intitulavam como feitiçarias, havendo perseguições e proibições. Teses medievais diversas foram bases para os preconceitos elaborados com relação ao continente africano e suas práticas religiosas, as quais se complementaram no século XIX com as teorias científicas oriunda do Darwinismo social e do Determinismo social. Os africanos foram colocados no último degrau da

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

escala evolutiva humana. As teorias que conceituavam as raças sobre o crivo biológico os consideravam infantis, tribais e incapazes de evoluir (OLIVA, 2005).

Diante deste arcabouço histórico a África por suas caracterizações se inseria em uma mitificação singular e com propriedades únicas em suas religiões que se afirmavam em uma cosmologia diferenciada do cristianismo da época com praticas de sacrifícios, transe e possessões, a magia se entrelaçava aos rituais, a cultura e as crenças africanas. Neste contexto, uma figura surge como importante objeto de estudo, destaque dentro das concepções africanas sobre religião, um dos orixás mais conhecidos e complexos, o qual ainda hoje causa inúmeras controvérsias históricas, conceituais e interpretativas no cenário religioso brasileiro. Chamado pelos povos iorubás e fon-ewe, da África Ocidental, de Exu, Legbá, ou Elegbara, pertence à categoria dos *tricksters* onde pessoas, divindades ou seres místicos questionam e invertem as regras comportamentais. Sendo, portanto, o esperto, o trapaceiro, o malandro, o brincalhão (SILVA, 2019).

Na mitologia iorubá os orixás são deuses que receberam do Ser Supremo o encargo de criar e governar o mundo, e cada um dos orixás é responsável por um aspecto da natureza, como rios, o sol, as plantas; bem como por determinado componente da vida social dos seres humanos. Assim, Exu se apresenta como parte do panteão de deuses, orixás cultuados no cenário iorubá e como vodum dos fons, compondo a cosmologia a qual foi repassada pela tradição oral africana e se preservam tanto para os tradicionais, como para os seguidores nas Américas, sendo encontradas tais concepções em algumas religiões afrodescendentes no Brasil atual, como o candomblé.

“Exu é o orixá sempre presente, pois o culto de cada um dos demais orixás depende de seu papel de mensageiro. Sem ele orixás e humanos não podem se comunicar. Também chamado Legba, Bará e Eleguá, sem sua participação não existe movimento, mudança ou reprodução, nem trocas mercantis, nem fecundação biológica (PRANDI, 2001, p. 20)”.

Assim para compreendermos as acepções de Exu na África Ocidental é necessário conhecer quem é o orixá para os iorubás. Suas caracterizações podem ser observadas no relato seguinte:

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Senhor da fertilidade e do dinamismo, participou da criação do mundo e dos homens. É o guardião da ordem e, por ser um *trickster*, também da desordem. É temido, respeitado e saudado sempre em primeiro lugar. É cultuado num pedaço de pedra (laterita), num montículo de terra em forma de cabeça humana de onde se projeta um grande falo (ogó), ou numa estátua antropomórfica enfeitada por búzios. Do topo de sua cabeça pende para trás uma trança em forma de pênis, faca ou de outra face. Em sua mão leva o cajado, também em forma de falo, que ele usa para se movimentar. Recebe como sacrifício o sangue de animais (bodes, galos pretos, cães e porcos) e libações de bebidas alcoólicas e azeite de dendê. Seu culto se realiza preferencialmente nas encruzilhadas e nos pontos limítrofes das casas (lugar de passagem) e nos mercados (lugar de trocas) (SILVA, 2013, p. 1087).

Outras características se destacam na mitologia iorubana, onde Exu é o carrasco dos transgressores de regras, bem como se apresenta de forma imparcial nas demandas, não desejando agradar ninguém. É duro em cobrar pelas promessas que lhe são feitas, as quais se não cumprido não hesitará em se divertir aprontando desordens ao seu devedor. Filho mais novo de Iemanjá e Oxalá, irmão de Ogum e Oxossi em alguns mitos. Com sua irreverência gosta de testar os limites do ser humano, é o provocador, briguento, o desordeiro. Apesar disto há boas ações retratadas nos mitos sobre o Orixá africano (SOUZA, 2016).

Ele é considerado também o guardião dos templos, dos mercados, das casas, das pessoas e das cidades. Está ligado ao comércio e às atividades econômicas. Uma das características iconográficas de suas estátuas, a presença de cauris ou búzios, serviria como elemento de ligação de Exu com o comércio, já que uma das moedas de maior valor de troca na África Ocidental eram justamente os búzios (OLIVA, 2005, p. 20).

Os europeus ao terem contato com os povos iorubás depararam-se com a devoção a Exu, suas esculturas representativas, formas, vestes, cores, ritos e sacrifícios. As impressões que a visão dos europeus e sacerdotes registrou se impregnaram nas concepções religiosas e até hoje são seguidas como verdades por muitas religiões, como o cristianismo e o judaísmo. Exu foi associado ao diabo, mestre do mal na cosmologia cristã e judaica. Olhar este certamente associado à caracterização do diabo no medievo, pelo que encontramos uma vasta iconografia e perfis que descreviam uma figura antropomórfica do diabo apresentada nas escrituras sagradas e reapropriada pelos

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

discursos dos teólogos e pelas formas artísticas ao longo da Idade Média. Tornando-o essencialmente a definição do Mal. Ao representarem o diabo as artes acenavam noções morais, valores e formas de lidar com o corpo e a mente humanos (BATALHA, 2015).

Diversos relatos dos visitantes europeus na África concluem que Exu é o diabo, estes escritos são trazidos na história e na antropologia. Os antigos viajantes se impressionavam pelo aspecto erótico da divindade, associando-o aos deuses greco-romanos ou de outras origens voltados à sexualidade ou a fertilidade.

A um quarto de légua dos fortes os dahomets ainda têm um deus Príapo, feito grosseiramente de terra, com seu principal atributo, que é enorme e exagerado em relação à proporção do restante do corpo. As mulheres, sobretudo, vão lhe oferecer sacrifícios, de acordo com sua devoção e com o pedido que farão (POMMEGORGE *apud* VERGER, p. 133).

Os valores morais apregoados pela igreja católica integravam a pureza da sexualidade, os rituais pagãos de fertilidade eram condenados bem como os símbolos sexuais promíscuos. Fatores submergidos no imaginário dos europeus e dos missionários que interligaram as representações de Exu a características eróticas e lascivas do pecado, imorais, portanto, do demônio. Ellis descreve no século XIX:

Legbá, Elegba or Lepka é uma divindade fálica cujo culto se espalha por toda a Costa dos Escravos. O falo pode ser visto em todo lugar, em frente às casas, nas ruas e nos espaços públicos, às vezes sozinho, porém, frequentemente, em conexão com a imagem de Legbá, para quem o órgão é sagrado e cujo principal atributo é a excitação sexual [...] A imagem de Legbá é feita de barro vermelho e representa grosseiramente uma figura humana, geralmente masculina, raramente feminina, com frequência nua por inteiro. É sempre representado de cócoras e olhando para seu órgão sexual, que é extremamente desproporcional. [...] Quando feminina, a figura é provida de seios longos e pontudos e outros acessórios necessários [...] Bodes e galinhas são as oferendas consideradas mais aceitáveis para Legbá, por conta de suas disposições amorosas, e também os cachorros [...] Sonhos eróticos [...] são atribuídos a Legbá, que se supõe possuir o corpo da pessoa durante o sono. Nisto, talvez, tenhamos uma chave para as crenças em tais demônios noturnos atuando como incubos e súcubos que perturbavam a paz das mentes dos monges e freiras na idade média (SILVA, 2019, p. 27).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Além da conotação atribuída a Exu advinda do olhar eurocêntrico sobre os atributos sexuais de suas imagens, verifica-se que o caráter da maldade absoluta também lhe foi atribuído com o olhar do cristianismo, na luta perpetuada em sua cosmologia do bem contra o mal, Exu ganha sinônimo de mal, de demônio.

[...] Interroguei-os muitas vezes e sempre me vi diante das mesmas reticências: Elegbara é muito mal, muita coisas más, coisas que não se podem dizer.

Os negros reconhecem em Satã o poder da possessão, pois o denominam ordinariamente Elegbara, isto é, aquele que se apodera de nós (BOUCHE *apud* VERGER, 2012, p. 135).

Tais descrições demonstram a construção de Exu/diabo estereotipado na contemplação europeia e cristã, o que levou inclusive o uso do termo Exu como tradução da palavra demônio na tradução iorubá da bíblia (SILVA, 2019). Verifica-se que vários atributos de Exu são similares aos do diabo cristão, o trapaceiro, o mentiroso, o obscuro. Podendo este trabalhar tanto para o bem quanto para o mal, sendo-lhe seus feitos atribuídos às oferendas e sacrifícios que lhe são ofertados, ou seja, ao pagamento. Acredita-se que tais fatores, bem como suas ressignificações em algumas religiões afrodescendentes, como na Umbanda², tenham corroborado para que a associação do orixá como o demônio tenha se mantido até os presentes dias.

É possível que esta ressignificação do diabo cristão no Brasil Colônia tenha sido resultado da aproximação deste Diabo com o Exu africano, já que, dentro da lógica da dinâmica cultural, as diferentes religiosidades presentes no Brasil colonial se influenciam mutuamente. Não foi somente a visão católica que penetrou no pensamento das religiosidades Afro-brasileiras, mas o inverso também é verdadeiro. Esta influência das visões africanas e indígenas no catolicismo é que deu origem às práticas presentes no catolicismo popular. Assim, a correspondência entre Exu e o Demônio fez com que, não só o primeiro ganhasse características do segundo, mas que o Diabo também fosse aos poucos ganhando características do Orixá Exu (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2006, p. 18).

² Observa Liana Trindade que os teóricos da Umbanda identificam Exu com a noção cristã de demônio, e que apesar desses teóricos utilizarem a mesma estrutura da narrativa do mito bíblico, essa estrutura está referida segundo o enfoque ideológico do branco, isto é, segundo a perspectiva conceitual que o branco possui da cultura negra. A configuração Exu-negro-diabo simboliza a magia do negro revivendo as práticas mágicas dos escravos contra os senhores. Tais imagens estão associadas ao mito bíblico em que o diabo é a figura do desafio ao poder estabelecido (LAGES, 2003, p. 27).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Outro fator de identificação são os sacrifícios de animais com a oferta do sangue de galinhas, bodes, cachorros, vinculadas as bestas iconográficas da Idade Média.

O caráter erótico e o sacrifício de bodes, cães e porcos a Exu foram vistos como mais uma “evidencia” de seu caráter demoníaco. Na Europa, esses animais estavam associados ao diabo, que era pintados nas gravuras como um ser antropomórfico (com cifres, rabo e patas de porco ou bode) ou um “cão negro”. Ou seja, Exu “comia” (recebia sacrifício) na África o sangue dos animais que davam corpo ao diabo na Europa (SILVA, 2019, p. 28 a 29).

Entretanto, apesar das idealizações de um Exu/diabo, nos mitos de Exu não são delineadas sua identificação como o diabo:

Os primeiros europeus que tiveram contato na África com o culto do orixá Exu dos iorubás, venerado pelos fons como o vodum Legba ou Elegbara, atribuíram a essa divindade uma dupla identidade: a do deus fálico greco-romano Príapo e a do diabo dos judeus e cristãos. A primeira por causa dos altares, representações materiais e símbolos fálicos do orixá-vodum; a segunda em razão de suas atribuições específicas no panteão dos orixás e voduns e suas qualificações morais narradas pela mitologia, que o mostra como um orixá que contraria as regras mais gerais de conduta aceitas socialmente, conquanto não sejam conhecidos mitos de exu que o identifiquem com o diabo (PRANDI, 2001).

Bem ou mal, deus ou diabo, orixá ou egum, muitas faces são espelhadas para Exu, dependendo do espelho que se escolhe o reflexo se remodela, diversas conclusões rememoradas conforme o desenvolvimento histórico e cultural de cada religião. Dentre tantas adversidades e significados para Exu, fato real é que o imaginário europeu cristianizado permaneceu na mente dos brasileiros e ainda hoje os contrassensos desta associação se embrenham em extremismos e ofensas.

2. Os neopentecostais e a luta contra o mal: a ascensão da intolerância como herança histórica

Remonta ao cristianismo primitivo a intensa luta travada contra o diabo que lhe concedeu enorme destaque em sua doutrina. Posto que Deus representação do bem e da perfeição em sua criação poderia vir a ser questionado diante dos sofrimentos deste mundo, como resposta a igreja trouxe a teologia de um adversário, exteriorizado como o

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

mal, o diabo. Dando continuidade aos mitos contidos no Antigo Testamento e reformulados, as funções e adjetivos no transcorrer do tempo, o príncipe deste mundo ganhou lugar central no cristianismo, intrinsicamente interligado ao pecado original, a queda do homem e a redenção pela Morte de Cristo na Cruz (MARIANO, 2014).

O Diabo do cristianismo, como o conhecemos hoje em dia, tem data e local de nascimento. A ideia de um ser astuto e maligno, que tem como principal objetivo de sua existência provocar a perdição eterna do ser humano, e vive e eterna batalha contra as forças da bondade, inimigo do Deus cristão e quase tão poderoso quanto ele, foi desenvolvida entre os séculos XII e XIV na Europa ocidental, particularmente na França e na Inglaterra, rapidamente se espalhando pelo resto do continente (SOUZA; ABUMANSUR; LEITE, 2019, p. 387 e 388).

A igreja católica foi percussora ao longo dos séculos de uma intensa batalha contra o mal desde os primórdios com a condenação dos deuses greco-romanos pagãos, na idade média e na modernidade com a caça as bruxas, aos feiticeiros e hereges, com a demonização dos cultos e rituais africanos e do panteão de seus deuses, a santa inquisição, os exorcismos, a as condenações dos pactos demoníacos e das possessões. No Brasil colônia as perseguições seguiram os ditames europeus, replicando a visão da igreja católica enquanto religião oficial. Com a Reforma Protestante no século XVI o Ocidente experimentou o surgimento de novas igrejas cristãs as chamadas de Protestantes históricas, as quais vieram a se estabelecer no Brasil até o final do século XIX, através do sistema de missão ou conversão, a maioria oriunda do protestantismo norte-americano (MENDONÇA, 2005). Ainda no século XIX fundou-se no Brasil as primeiras³ igrejas Pentecostais, alguns autores dividem o pentecostalismo em ondas, assim a primeira onda reina absoluto de 1910 a 1950; a segunda⁴ onda teve início em 1950; a terceira⁵ onda denominada Neopentecostalismo começa na segunda metade dos

³ Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, com consenso entre vários autores em denominar-se clássicas, reproduzindo a tipologia norte-americana.

⁴ Com os missionários americanos Harold Willians e Raymond Boatright, vinculados à igreja Quadrangular, fundaram-se às igrejas Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção e outras menores.

⁵ Oriundas da igreja Nova Vida fundada no Rio de Janeiro, em 1960, pelo pastor canadense McAlister, surgiram à igreja Universal do Reino Deus e a igreja Internacional da Graça de Deus, e posteriormente a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Comunidade da Graça, Renascer em Cristo e igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

anos 70 e se desponta nos anos 80 e 90. As igrejas Protestantes tradicionais se diferem do Pentecostalismo por estas pregarem a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, acreditando que Deus manifeste-se hoje como nos tempos primitivos curando enfermos, expulsando demônios, realizando milagres e falando com seus servos (MARIANO, 2014).

Nesta vertente o Neopentecostalismo surge com extremado conteúdo mágico, evidenciando em parte a mitificação da secularização, como aduz Sérgio da Mata (2010) “justamente na época que o paradigma do desencantamento do mundo fazia mais adeptos, os historiadores-teólogos estavam mais atentos, Ernst Benz atestava a força do movimento pentecostal nos Estados Unidos, América Latina, África e Indonésia”. Este movimento firmado na guerra santa, onde a luta contra o diabo e seus anjos (teologia do domínio⁶) se torna um dos seus maiores pilares, batalha a qual se trava em sua ênfase contra as religiões, símbolos, panteões e rituais afro-brasileiros e também contra o espiritismo, agregados a características como o abandono do ascetismo, valorização do pragmatismo, a gestão empresarial na condução dos templos com intensa utilização da mídia televisa e internet para o trabalho de proselitismo em massa e de propaganda religiosa, bem como a ênfase a teologia da prosperidade⁷ (SILVA, 2005).

A igreja Universal do Reino de Deus é o expoente deste seguimento no Brasil, fundada pelo Bispo Edir Macedo (ex-umbandista), com peculiares formas de liturgias e doutrinações que exasperam o proselitismo configurando verdadeiras práticas intolerantes às quais ultrapassam a liberdade religiosa, incitando os ouvintes e fiéis em desfavor do universo das religiões afro-brasileiras, as recriminações vão desde

⁶ O Sociólogo Ricardo Mariano em seu artigo *Guerra espiritual: o protagonismo no Diabo*, ele diz: “No início dos anos 90 surgem novas concepções nas Igrejas Neopentecostais, da guerra espiritual nos Estados Unidos. A *Dominion Theology*, assim conhecida por lá, foi rapidamente proliferada nos segmentos evangélicos brasileiros, em especial no Neopentecostal. *Tudo que se refere à luta do cristão contra o Diabo pode ser chamada de Teologia do Domínio*” (COSTA *apud* MARIANO, em <https://url.gratis/ZDeGW5>, acesso em 15 de jun. 2021).

⁷ Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio primordial de obter felicidade, saúde física, riqueza e poder terrenos. Em vez de glorificar o sofrimento, tema caro ao cristianismo, enaltece o bem-estar do cristão neste mundo. Este bem-estar não será alcançado através da luta coletiva e política (MARIANO, 1996, p.32).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

preconceitos até violências físicas e morais, com a destruição de terreiros e ataques a símbolos e rituais. Dentre tais praticas encontram-se o exorcismo dos orixás e eguns, deuses e guias do Candomblé e da Umbanda, em culto público, denominado sessão de descarrego, os quais ocorrem em seus templos e são televisionados. Ocorrendo durante o culto o chamamento à possessão pelas referidas entidades, para posteriormente serem expulsas pelo poder e em nome de Jesus Cristo.

Privilegiando o demônio em detrimento da celebração do Cordeiro, é compreensível que, do ponto de vista da cosmogonia, as principais entidades manifestadas na sessão descarrego ou de libertação da Iurd sejam os exus e pombagiras, representações do diabo subtraídas das religiões afro-brasileiras (SILVA, 2005, p. 158).

Não obstante as religiões africanas e descendentes continuem a ser demonizadas e hostilizadas em decorrência de suas crenças. “Não agredimos esses indivíduos. Tiramos o espírito demoníaco deles. Não somos nós que não aceitamos os umbandistas ou candombleístas, mas a Bíblia” (ÂNGELO *apud* MARIANO, 2014). O que se percebe é que muitos elementos e símbolos místicos que são adotados nos cultos e celebrações da igreja Universal do Reino de Deus são similares aos elementos e rituais das religiões afro-brasileiras tais como o dia da sessão de descarrego, banhos de sal grosso, sabonetes, lenços, rosas, cores, além disto, o chamado trânsito dos orixás e entidades entre os dois extremos. Silva (2005) entende que se trata de uma estratégia para arraigar simpatizantes “Combate-se essas religiões para monopolizar seus principais bens no mercado religioso, as mediações mágicas e a experiência do transe religioso, transformando-o em um valor interno do sistema neopentecostal”.

Verifica-se, portanto, que os fundamentos intolerantes da demonização de Exu pelo imaginário europeu cristão servem hoje como esteio a práticas religiosas Neopentecostais as quais aliadas à modernidade e aos sistemas econômico e político, utilizam-se de preceitos religiosos para perpetuar preconceitos e discriminações. O embate se prolonga no tempo com várias denúncias e processos judiciais, entretanto, a visão intolerante dos brasileiros prossegue, apesar de em parte apaziguada pelos direitos e garantias fundamentais com a elevação da liberdade religiosa e a consagração do

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

estado laico, o que o tempo presente vislumbra é a permanência cada vez mais visível de um país atrelado em suas raízes racistas e intolerantes.

Conclusão

O estereótipo de Exu como o diabo cristão ultrapassou os séculos no imaginário brasileiro. Fruto da visão preconceituosa europeia e cristã a qual faz com que Exu hoje transite entre as religiões com inúmeras faces. A face enxergada é aquela contida na fé e nas interpretações daquele que se propõe a visualizar. Com a evolução do cristianismo as ramificações primitivas permanecem nas igrejas Neopentecostais embebecidas no Espírito Santo e magnificadas em seus mágicos prodígios. As quais no geral mantêm esse entendimento na contemporaneidade, Exu continua sendo o diabo. E este deve ser combatido, o que implementa no meio dos seguidores e simpatizantes a aceção de que todo o mal exteriorizado em doenças, desgraças e perdas sejam provenientes de obra maligna do diabo, de Exu. Tal visão é contida no proselitismo das igrejas Neopentecostais que fazem da guerra espiritual a guerra terrena ao se tornarem percussores de preconceitos, intolerâncias e violências praticadas em desfavor daqueles que não seguem seus ensinamentos.

Diversos fatores são questionáveis e intrigantes nos ditames Neopentecostais propagados hoje no país. Entretanto, o movimento continua a crescer, não só entre as camadas sociais mais simples e de baixo poder econômico, como no começo dos movimentos, mais também entre as classes média e alta. Com grandes intercessões na política, líderes de tais igrejas são seguidos por multidões, arrecadando recursos, curando doentes e expulsando demônios. Do púlpito de sua igreja instalada no bairro do Brás, em São Paulo, Valdemiro Santiago, líder da igreja Mundial do Reino de Deus, define a Covid-19 como “Exu Corona”, e enquanto muitos morrem na pandemia que se prossegue, a intolerância continua viva e latente nas mentes daqueles que com seus antolhos concebem para si a verdadeira religião.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Referências

BATALHA, Priscila Alvarenga Simões. **As origens das figurações medievais do Diabo**. 2015. 248 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Comunicação) – Universidade de Lisboa, Portugal, 2017.

COSTA, Fernando Nogueira. Teologia do Domínio: Guerra Santa. **Blog Cidadania & Cultura**. 17, junho, 2019. Disponível em <https://url.gratis/ZDeGW5>, acesso em 15 de jun. 2021.

LAGES, Sônia Regina Correia. **Exu - Luz e Sombras - Uma análise psico-junguiana da linha de Exu na Umbanda**. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2003.

MARIANO, Ricardo. Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade, **Novos Estudos- CEBRAP**, São Paulo, nº 44, p. 24-44, 1996.

_____. **Neopentecostais – Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MATA, Sérgio da. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica 2010.

MENDONÇA, Antônio Gouvêia. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, [S. l.], n. 67, p. 48-67, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i67p48-67. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em: 6 jan. 2022.

NOGUEIRA, Léo Carrer; OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. **A construção do mito diabólico de Exu: Dos primeiros contatos na África ao discurso inquisitorial da Iurd**. Anápolis, 2006.33p. Artigo Final - Curso de Formação Docente em História e Cultura Africanas e Afro-Americanas, Universidade Estadual de Goiás.

OLIVA, Anderson. As faces de Exu: representações europeias acerca da cosmologia dos Orixás na África Ocidental (Séculos XIX e XX). **Revista Múltipla**, Brasília: junho/2005. (p. 9-37).

OLIVEIRA, Cleiton. **A prole de Caim e os descendentes de Cam: legitimação da escravidão em Portugal e a influência das Bulas Dum diversas (1452) e Romanus Pontífex (1455)**. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2017.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista USP**, [S. l.], n. 50, p. 46-63, 2001. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i50p46-63. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35275>. Acesso em: 6 jan. 2022.

_____. **Mitologias dos Orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SILVA, Vagner Gonçalves. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. **Revista USP**, [S. l.], n. 67, p. 150-175, 2005. DOI:

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

10.11606/issn.2316-9036.v0i67p150-175. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13461>. Acesso em: 7 jan. 2022.

_____. Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos.

Revista de Antropologia, [S. l.], v. 55, n. 2, 2013. DOI: 10.11606/2179-

0892.ra.2012.59309. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/59309>.

Acesso em: 6 jan. 2022.

_____. **Exu “O guardião da casa do futuro”**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

SOUZA, André Luiz Nascimento. **É o Cão, Uma análise sobre a construção da imagem de Exu como diabo cristão**. Anpuh - RN, 2016. Disponível em

<https://url.gratis/1LB9dI>. Acessado em 6 janeiro 2022.

SOUZA, André Ricardo de; ABUMANSUR, Edin Sued e LEITE, Jorge. Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais. **Horizontes Antropológicos** [online].

2019, v. 25, n. 53 [Acessado 6 Janeiro 2022], pp. 385-410. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000100014>>. Epub 25 Abr 2019.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns**. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: edusp, 2012.